

O BRINCAR NO CORDÃO DE PÁSSARO: UMA EXPERIÊNCIA DE TEATRO POPULAR DO PARÁ COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA ANTÔNIA TAVARES, NO MUNICÍPIO DE SOURE, NA AMAZÔNIA MARAJOARA

*PLAYING IN THE “CORDÃO DE PÁSSARO:
A POPULAR THEATER EXPERIENCE OF PARÁ WITH ELEMENTAR
SCHOOL STUDENTS AT ANTÔNIA TAVARES SCHOOL,
CITY OF SOURE, IN THE MARAJOARA AMAZON*

Márcia Oliveira Costa
PROFARTES-UFPA/UDESC

Resumo

Este artigo consiste em compreender, através da participação e do registro, como aconteceu o processo de criação do Cordão de Pássaro, a partir de experiências vivenciadas como professora de Artes/Teatro e atriz/brincante na turma do Ensino Fundamental da Professora/Guardiã desse teatro popular, na Escola Antônia Tavares, no Município de Soure, no Arquipélago do Marajó, no estado do Pará, no ano de 2019, possibilitando a elaboração do Caderno de Direção Teatral “O Brincar no Cordão de Pássaro”. Os aportes teóricos contemplam Charone (2008), Loureiro (2015), Moura (1997), Refkalefsky (2001), e Salles (1994). Uma proposta peculiar que possibilita participar de várias experiências que englobam toda uma forma de expressão da história, do imaginário e da cultura amazônica marajoara.

Palavras-chave:

Amazônia Marajoara; Ensino Fundamental; Cordões de Pássaros; Processo de Criação; Experiência; Espetáculo.

O TEATRO DOS PÁSSAROS

Expressão teatral com mais de 100 anos de existência e com seus espetáculos realizados durante as festividades do mês de junho, na capital e no interior do Estado do Pará, no período

Abstract

This article consists of understanding, through participation and registration, how the creation process of Cordão de Pássaro took place, from experiences lived as an Arts/Theater teacher and actress/player in the Elementary School class of the Teacher/Guardian of this popular theater, at Antônia Tavares school, in the city of Soure, in the Marajó Island, in the state of Pará, in the year 2019, enabling the preparation of the Theatrical Direction Notebook “O Brincar no Cordão de Pássaro”. Theoretical contributions include CHARONE (2008), LOUREIRO (2015), MOURA (1997), REFKALESFSKY (2001), and SALLES (1994). A peculiar proposal that makes it possible to participate in several experiences that encompass a whole form of expression of the history, the fantasy and the marajoara amazonian culture.

Keywords:

Marajoara Amazon; Elementary School; Cordões de Pássaros; Creation Process; Experience; Show.

dedicado aos Santos populares - Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal - o Teatro de Pássaros é uma das mais criativas manifestações da cultura popular amazônica. Devido ao grande número de canções e danças que integram a sua estrutura dramática, os pássaros juninos

recebem a denominação de ópera cabocla, por se estruturarem com elementos da cultura indígena e da cultura europeia. Quanto a isso, segundo Loureiro (2015, p. 315), percebe-se a presença essencial da contribuição indígena, que é um dos traços distintivos da cultura amazônica no amplo contexto da cultura brasileira.

De acordo com Charone (2004, p. 07), constitui-se um teatro criado pelos seus artistas populares paraenses, tendo sua origem no final do século XIX, em meados de 1877, período em que foi inaugurado, em Belém do Pará, o Teatro Nossa Senhora da Paz, hoje conhecido apenas como Teatro da Paz. Por sua vez, sobre a origem dos Pássaros, Salles (1994), registra que foi no ano de 1877, por ocasião dos festejos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré¹, que se apresentou “um curioso bando de Águias Reais”, talvez o primeiro pássaro objeto da crônica paraense. Ademais, foi realizado, em 1919, no extinto Palace Theatre, em Belém um festival de cordões de bichos e pássaros. Acerca disso, assegura que:

Os pássaros, que se associaram tão intimamente aos bois, constituíam folguedo com estrutura diferente e muito cedo tomaram a feição de teatro popular. Sua origem recua, provavelmente, aos cordões de bichos que se exibiam em meados do século passado no Pavilhão de Flora² no largo de Nazaré. Também se constituíram de grupos ambulantes, mas cedo, como as pastorinhas, por exigências talvez de sua própria estrutura, tornaram-se estáveis, fazendo seu aparecimento na véspera de São João e exibindo-se em tabladros próprios, ou em cinemas, teatrinhos de bairros, circos ou nos parques cedidos pela Prefeitura, nestes se associando, quase sempre, aos bois-bumbás (SALLES,1994, p. 351).

Os pássaros de Belém, para Salles (1994, p. 352), são a expressão da resistência do caboclo, que se dá no sentido de que ele é a expressão de um modelo europeu que se impôs na região, com a submissão do índio e do negro, correspondendo a uma síntese, que incorpora contribuições das vertentes indígenas e negras, e que, para se realizar, não exige as comodidades do teatro profissional.

Para que melhor se conheçam os pássaros do Pará, é importante verificar a abordagem geral feita por Moura (1997, p. 42) de diversos aspectos desse teatro popular, com ênfase ao processo de evolução histórica, destacando origens e chegando aos problemas contemporâneos. Esse teatro, de 1910 até aproximadamente 1940, manteve-se

muito ativo e, após o declínio da economia local, com o fim do Ciclo da Borracha³, foi o que mais contribuiu com o lazer da população da capital. Por conta disso, com a necessidade de um contato mais constante com o público, os autores do teatro nazareno⁴ se especializaram na criação de peças natalinas para os grupos de pastorinha, contribuindo, assim, para a quadra junina, criando textos para os cordões de pássaros, para os cordões de bichos e para os bois-bumbás.

Julga-se relevante destacar que se encontram, em Belém, duas modalidades desse teatro: o Cordão de Pássaro ou Cordão de Meia Lua e o Pássaros Melodrama Fantasia, ou simplesmente Pássaro Junino, como também é chamado. O Pássaro Melodrama Fantasia é um teatro popular musicado, que se desenvolveu em Belém, o qual não é encontrado no interior do Estado do Pará e se difere dos cordões pela riqueza de seu figurino e pela complexidade de seu texto. Referente a isso, destaca-se que:

Os brincantes, durante as apresentações, fazem várias trocas de roupas. As cortinas são utilizadas para a finalização de cenas e quadros. Assim, se temos uma cena da maloca e em seguida o bailado, o ato de abrir e fechar a cortina faz a separação imaginária dos ambientes, muitas vezes acompanhado do comentário de um narrador. (Adaptado de CHARONE, Olinda. Pássaros e Bichos Juninos - Histórias e Enredos Cadernos IAP, 21. Belém, 2008).

A outra modalidade é o Cordão de Pássaro ou Cordão de Meia-lua, que recebe essa denominação pela disposição dos brincantes em semicírculo durante a encenação, dirigindo-se para o centro unicamente quando chega o momento de participarem da ação dramática, voltando em seguida para suas posições de origem na meia lua. Grupos com essa característica podem ser apresentados em qualquer espaço, como praças, quintais ou teatros, e foi um desse tipo o nosso objeto de estudo descrita nessa pesquisa.

Nessas duas vertentes de teatro popular, a história e o melodrama giram em torno de um pássaro que é ferido ou morto por um caçador, razão pela qual este é perseguido e levado à presença do dono do bicho, que promete uma punição caso não consiga curar ou ressuscitar o pássaro. Nesse momento do episódio, há a presença do médico e do pajé, que conseguem salvar a ave, dando vida a todo o cordão. Na

história dos Pássaros, segundo Charone (2004, p. 12), todos os espetáculos buscam colocar em cena elementos que oscilem entre o sério e o risível, entre o bem e o mal, entre o grotesco e o sublime, entre o heroísmo e a vilania. Esses recursos são utilizados para manter a plateia atenta do início ao fim. Além disso, há uma divisão moral em duas partes claramente definidas e distintas: de um lado, veem-se os personagens que cultivam o bem e as virtudes e, do outro, representantes do mal e dos vícios.

O Pássaro, personagem principal, é levado pelo personagem Porta-pássaro, que é representado por uma criança que o leva preso em uma gaiola ou pousado em um pequeno galho ornamental fixado em sua cabeça e que usa uma vestimenta que, de certa maneira, lembra uma ave, gesticulando como se fosse um pássaro voando. Para Loureiro (2015, p. 316-317), esse personagem lembra a imagem mítica do homem-pássaro:

o pássaro na cabeça do homem ou da mulher do Egito antigo, onde essa figura simbolizava a alma de um morto partindo, ou a visita de um deus à Terra. Estará então representada no Pássaro Junino, no seu Porta-pássaro que sempre renasce, a alma nativa que não morre, que não pode ser morta? Essa alma-pássaro seria a resistência mítica das origens pousada emblematicamente numa árvore do mundo amazônico? Uma espécie de Fênix tropical da alma de uma cultura? Um homem-pássaro nascido dessa *hybris* comum na mestiçagem entre o real e imaginário?

BOTAR O CORDÃO, É A ALEGRIA DO GUARDIÃO

O Grupo Cordão de Pássaro Guará do Marajó é formado por 34 alunos/brincantes, com idades que variam de 6 a 16 anos, todos vinculados à Escola de Ensino Fundamental Antônia Tavares, localizada no município de Soure⁵ no arquipélago do Marajó⁶, e foi criado pela professora Maria Célia dos Santos Sarmiento, marajoara, natural do município de Salvaterra⁷, uma mestra da cultura popular amazônica, brincante, encenadora e dramaturgo de pássaros e bois-bumbás. Sua relação com os cordões de pássaros começou aos oito anos, sendo o Porta-pássaro, e, para a mesma, essa brincadeira de pássaro vem de família, passando de geração em geração. Atualmente, ela, a Mestra Celinha, como é chamada por todos, é a única guardiã da família que segue com essa missão.

Foi nesse espaço escolar que se realizou a pesquisa, durante a qual participei da montagem e apresentação do espetáculo do Cordão de Pássaro em um período de seis meses, no primeiro semestre de 2019, sempre caminhando em torno da problemática: como acontece o processo criativo do Cordão de Pássaro Guará do Marajó? E para essa investigação traçou-se, como objetivo geral: compreender, através da participação e do registro, todo o processo de criação do Cordão de Pássaro Guará do Marajó. A fim de atingir esse objetivo, definiram-se, como objetivos específicos: acompanhar o processo criativo como professora colaboradora e atriz/brincante do cordão e elaborar o Caderno de Direção Teatral "O Brincar no Cordão de Pássaros".

Para nortear a pesquisa, levantou-se, como hipóteses: o cordão de Pássaro, uma manifestação teatral, seria um produto cultural paraense que tem uma forma, espetacular muito peculiar em sua construção; o Cordão de Pássaro Guará do Marajó talvez proporcionasse aos brincantes uma visão crítica, sobre a realidade local marajoara.

Como metodologia, adotou-se a Etnometodologia, que estuda os métodos culturais usados pelas pessoas comuns para fazer sentido dos contextos específicos de seu mundo e para converter esses sentidos em ações e interações sociais. Assim sendo, o que importa são os pontos de vista das pessoas, as maneiras como as mesmas, coletivamente, produzem saberes sociológicos e teorias sociais na prática; isto é, os entendimentos dessas pessoas sobre o que seja a sociedade e de que modo ela se manifesta na vida cotidiana.

Daí a importância de atribuírem-se vozes aos sujeitos envolvidos (alunos, ex-alunos, professores, família e comunidade), considerando suas falas como produção teórica, fundamentada em dados e fatos de seu cotidiano e de seus antepassados, reportados e valorizados, aqui, com fins empíricos. Essa postura fundamenta-se na etnometodologia, de Coulon (1995, p. 15). O projeto científico, segundo essa corrente, caracteriza-se por analisar os métodos - ou se quisermos, os procedimentos - que os indivíduos utilizam para levar a termo às diferentes operações que realizam em sua vida cotidiana. Desse modo,

A cientificidade da sociologia começa pela compreensão da vida de todos os dias, tal como se manifesta através das construções práticas

dos atores. Se os atores sociais comuns produzem também objetivação, isso implica que o modo de conhecimento erudito não detém o monopólio da objetivação. Portanto, a etnometodologia vai defender que a atividade científica, sendo elaborada a partir de operações idênticas às aquelas utilizadas pelos atores comuns, é o produto de um modo de conhecimento prático que, por si só, tem a possibilidade de se tornar um objeto de pesquisa para a sociologia e ser, por seu turno, questionado cientificamente. Os etnometodólogos consideram o mundo como um objeto de percepções e ações do senso comum. O objetivo da etnometodologia é a busca empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e, ao mesmo tempo, construir suas ações cotidianas: comunicar, tomar decisões, raciocinar (COULON, 1995, p. 16-17).

Com mais de vinte anos de experiência na educação básica como professora, sempre desenvolvi projetos junto com meus alunos voltados à arte e à cultura local, a cultura marajoara. Porém, desenvolver um projeto de criação de um cordão de pássaros com nossos alunos foi um grande desafio e, ao mesmo tempo, a realização de um sonho de infância de brincar no Cordão. Apesar das dificuldades enfrentadas, essa foi uma riquíssima experiência no processo de ensino e aprendizagem e criação em Artes/teatro, que se encontra detalhada no Inédito Caderno de Direção Teatral, intitulado "O Brincar no Cordão de Pássaro", que vai auxiliar o professor na montagem desse teatro popular paraense com sua turma, possibilitando ver a montagem do cordão em desenhos cênicos que ilustram e explicam a coreografia presente em cada cena, além da composição, confecção do vestuário e da exposição de um glossário que enriquece no conhecimento dessa modalidade teatral paraense.

Essa foi uma experiência vivenciada como professora colaboradora de teatro popular musicado, do estado do Pará, em que me propus a participar também como atriz/brincante no Cordão de Pássaro Guará do Marajó, que teve o seu início marcado por conversas com a Professora/Guardiã; realizaram-se avaliações e explicações de atividades desenvolvidas anteriormente, o planejamento e a montagem do projeto do cordão, com as atividades a serem desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem e criação nas nossas aulas de artes.

Dessa forma, analisaram-se as montagens e as apresentações dos espetáculos dos cordões de pássaros até então desenvolvidos. Em seguida,

reelaborou-se o Projeto Cordão de "Pássaro Periquito da Testa Amarela", o qual a professora já vinha desenvolvendo havia mais de nove anos com ensaios na escola e na sua residência. Mas, com a morte de seu pai, em março de 2019, ela resolveu, fazer um novo projeto de Criação do "Cordão de Pássaro Guará do Marajó" para homenageá-lo.

Sendo assim, ela segue a tradição paraense de guardiã do cordão, dando continuidade às atividades que antes eram desenvolvidas por seus familiares. Comumente, aqui no Pará, esse tipo de teatro popular - o cordão de pássaro - é realizado por pessoas da mesma família ou por outras pessoas que têm a posse e que "botam o pássaro", ou melhor realizam a brincadeira, organizando toda a montagem do espetáculo. Muitas vezes, quando se tem o seu registro em cartório, o proprietário pode alugá-lo, emprestá-lo e receber alguma ajuda financeira dos órgãos oficiais de cultura. É uma Arte popular de grande complexidade cênica e que, conforme Loureiro, prefaciando Refkalefsky (2001, p. 15), exige recursos dramáticos constitutivos do teatro, capaz de se conduzir com a dignidade própria da teatralidade nascida na força coletiva de expressão de um povo, um teatro muito peculiar, por meio da qual cada grupo traz as digitais de seu proprietário e com uma equilibrada dosagem de seus vários componentes como a música, o canto, a dança, o drama e o figurino.

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa para a criação e confecção do vestuário dos personagens do cordão: o Pássaro ou Porta-Pássaro, os Índios, a Doutora Margarida, o Pai Chicão, o Amo, os Turistas, a Mãe do Igarapé, o Coronel, o Ajudante de Pajé, os Caçadores, o Guarda Florestal e a Polícia do Meio Ambiente, pois, nos cordões de pássaros, como menciona Refkalefsky (2001, p. 57), é comum, quanto ao guarda-roupa do espetáculo, ser o proprietário quem planeja, desenha e confecciona grande parte dos figurinos. Na composição do figurino, verificou-se a presença de detalhes regionais marajoaras, como o bordado com desenhos do grafismo da cerâmica marajoara na roupa das índias e na camisa do Coronel. Ademais, o chapéu do Coronel imitava o chapéu tradicional dos vaqueiros do boi-bumbá, e o pássaro Guará era esculpido em madeira por artesão local. Percebeu-se, ainda, na composição da roupa da Mãe do Igarapé, a presença do

imaginário amazônico marajoara, já que havia detalhes que mostravam um pouco das digitais do guardião, o seu jeito próprio de pensar e compor cada peça.

A fim de facilitar a realização do trabalho, dividiram-se as tarefas de confecção dos figurinos e acessórios dos personagens, cabendo a mim a preparação do chapéu do Coronel, das roupas da Mãe do Igarapé e da Índia Guerreira, além da montagem do ramo que segurava o pássaro homenageado do grupo e que era levado pela personagem Porta-pássaro. Já o restante do vestuário ficou com a Professora/Guardiã para confeccionar.

Para a Professora/Guardiã foi muito boa a divisão das tarefas na produção do espetáculo do cordão, pois é muito trabalho, só para uma pessoa, ter que organizar muitas coisas ao mesmo tempo como: escrever a comédia musicada, contratar músicos, realizar os ensaios, comprar materiais para a confecção, contratar costureira para confeccionar o vestuário e ainda sair em busca de ajuda financeira para todas essas despesas.

Nos anos anteriores, ela sempre realizou sozinha todas essas atividades e sempre ficou com um dos personagens de destaque do cordão, como é seu personagem esse ano: o “Coronel”, que simboliza o poder econômico e social de grande latifundiário no Marajó dos campos. Com isso, a professora/guardiã mostrou claramente o que assegura Moura (1997, p. 263):

centraliza a criação, em seu sentido mais global, cabendo assim ao proprietário do pássaro desenvolver todo o processo de produção do espetáculo, muitas vezes é ele também o autor dos textos e é quem frequentemente faz os ensaios e tem um lugar de destaque como brincante.

A comédia musicada foi escrita pela Professora/Guardiã, que selecionou e escolheu os ritmos das músicas que estavam sendo mais escutados naquele momento pelos alunos, a fim de facilitar a aprendizagem da letra. Tal atitude convergiu com o que defende Silva (2012, p. 61), para quem a responsabilidade da escolha do repertório musical “é tarefa do guardião e, uma vez definido por ele, não há mais modificações durante toda a temporada”.

Quanto aos músicos, devido ao alto custo na contratação para acompanhar os ensaios e a apresentação, foram contratados para apenas

dois dias, assim divididos: um dia de ensaio e o outro da apresentação do espetáculo. Eram apenas quatro músicos, que, com seu bumbo, prato, trombone e clarineta criaram rapidamente os ritmos das músicas solicitadas e adequaram as melodias e os arranjos a cada letra apresentada, mas, apenas no final do ensaio, receberam as músicas impressas para que em outros horários pudessem se familiarizar melhor com os ritmos. A respeito disso, afirma a Guardiã que:

Está ficando cada vez mais difícil botar o pássaro o custo com os músicos é muito alto. Ai não tem como contrata-los para todos os ensaios, contrato apenas só para o dia das apresentações. No ano de 2017 mandei gravar um CD com as todas as músicas do pássaro aí ficou bom não contratei os músicos. Mais com os músicos é melhor, fica mais animado (Depoimento Professora Célia Sarmiento, fevereiro de 2019).

Mesmo que o cordão de pássaro se apresente nos anos seguintes, uma nova comédia será sempre escrita e musicada para animar a brincadeira. Assim, fica claro que a presença da música é essencial na composição das cenas e vê-se no cordão que a presença da música é um forte elemento que liga os brincantes entre si, proporcionando a concentração e a organização nas cenas, por ser uma atividade realizada por todos.

Ainda sobre esse quesito, foi perceptível que a música estava presente em todas as cenas da comédia, e isso confirma a afirmação de Silva (2015, p. 55) de que “a música tem função fundamental e diversificada nos Cordões de Pássaros, fundamental, pois, com o texto, dá andamento à trama; diversificada, por haver músicas de personagens, dança, anúncio, entrada e despedidas”. E são cantadas por todos os brincantes e repetidas pela roda e iniciadas (puxadas) e encerradas pela Professora/Guardiã. Quanto às despesas, “os custos são altos e sem ajuda financeira fica cada ano mais difícil! O que me motiva é gostar de ver mais um ano a brincadeira do pássaro dentro ou fora da escola”. (Depoimento Professora Célia Sarmiento, fevereiro de 2019).

Essa preocupação demonstrada pela professora era frequente, pois, a cada ano, fica mais difícil botar o pássaro por falta de apoio financeiro para pagar as despesas da montagem do espetáculo, em virtude

de contar apenas com a boa vontade de algumas pessoas, por ela denominadas de padrinhos ou madrinhas do pássaro, os quais colaboram com ajudas na produção do cordão. Como pontua Moura (1997, p. 352), “aos padrinhos incumbe a tarefa de lidar com questões burocráticas do cordão como tramitação de documentação junto a órgãos oficiais, e colaboram também com gastos de produção do espetáculo”.

Os ensaios iniciaram-se no mês de abril com os alunos do grupo do Cordão do Guará, apresentando a comédia **“Preserve a Espécie”**, por meio da qual se falou da nossa fauna e destacou-se o nosso pássaro Guará, homenageado na brincadeira e que está em extinção em alguns lugares, sendo muito conhecido em nossa região. Foram momentos de empoderamento realizado para que os alunos/brincantes se reconhecessem como guardiões dessa cultura dos cordões em nosso município, que já ficou, por um grande período, adormecido e hoje se encontra atuante, graças ao trabalho da Professora/Guardiã, que vem “botando o pássaro” e se propôs a compartilhar esses saberes seculares, importantes como o relato a seguir:

Eu devia estar com uns nove anos, tinha um cordão de pássaro chamado Tem-tem que era formado pelo povo da localidade do Pedral⁸, e meu pai era brincante deste grupo. Tinha outro pássaro que, se não me falha a memória, era Minha Linda Garça. Foi por volta da década de 50 a 60, mais ou menos. As lembranças me recordam de ter ouvido falar do cordão do pássaro Rouxinol também (Depoimento Raimundo Leal, junho de 2019).

O depoimento do senhor Raimundo Leal, pai de ex-alunas da escola, comprova os últimos registros bibliográficos feitos por Moura (1997, p.137;141) na “Distribuição Geográfica dos Cordões de Pássaros e Cordões de Bichos e dos Pássaros Juninos do Estado do Pará, que datam do ano 1951”, os quais atestam a presença da brincadeira do Cordão do Rouxinol no mês de junho, em nosso município, e, segundo relatos locais, acredita-se que os cordões permaneceram por aqui, até a década de 1980.

Fica bem claro na fala a seguir da Professora/Guardiã que o cordão não é só para se divertir, porque um dia a mesma vai embora, mas vai ficar Alice, vai ficar Elem, vai ficar o Adriel, vai ficar a Amanda, e essa turma toda que participa do cordão e que pode dar continuidade, no futuro, a esse trabalho que hoje ela realiza.

Sejam culturais e que não tenham vergonha de apresentar e de representar, porque as pessoas gostam quando a gente chega na praça. Eles falam: “Olha os alunos da professora Célia, olha os alunos da professora Márcia! Como são bonitos! Que coisa linda!” Quem não quer ser elogiado, não é? Pois é só o que peço: a compreensão de vocês e o respeito”. “Essa brincadeira é nova e, quando se está na roda, a gente tem que estar sempre balançando (dançando) na roda: um pra cá um pra lá. Não temos que ter vergonha e, quando tiver apresentando, tem que estar sempre alegre, cantando. Tem uns que cruzavam os braços sem vontade. E quando se entra para apresentar o nosso pássaro, a gente já tem que ir formando a roda, e a música está lá, e a gente pode entrar (Depoimento Professora Célia Sarmento, maio de 2019).

Todas essas explicações em torno da comédia elaborada pela Professora/Guardiã, fazendo um alerta para os perigos que nosso meio ambiente está correndo e para a necessidade de sermos guardiões dessa cultura, são preocupações vivamente sentidas que, segundo Moura (1997, p. 166), “acabam por se fazerem presentes na temática dos cordões”.

Todos os anos era assim: convidam-se os alunos, de sala a sala, perguntando quem queria sair no cordão. Com os alunos que aceitavam, montava-se um grupo, e, sempre no mês de abril, iniciavam-se os ensaios da comédia, que era composta de sete cenas breves, musicadas ao vivo. Para a distribuição e composição dos personagens, eram escolhidos aqueles alunos que melhor se identificavam com o personagem durante os primeiros ensaios, e a Professora/Guardiã fazia a distribuição das tiras de papel com as falas dos personagens escrita a caneta. Dessa forma, o brincante só tinha conhecimento de sua fala e não da comédia completa. “Eu dou as tiras com as falas de cada brincante que eu escrevo à caneta para eles treinarem, em casa, apenas a sua fala. Aí é fácil! Cada um decora a sua fala” (Depoimento Professora Célia Sarmento, maio de 2019).

BRINCANDO DE CORDÃO NA ESCOLA: COMPOSIÇÃO E MONTAGEM DAS CENAS

Para a montagem da primeira cena, que se chamava “Apresentação do Cordão” participaram todos os 34 brincantes do cordão, com uma formação coreográfica distribuídos em duas filas que cantam as músicas (01-Apresentação do Cordão, 02 - Boa Noite, 03 - Pesca do Sarará⁹ e 04 - Pula Fogueira) e dançam em forma circular,

em lados opostos, finalizando em formato meia-lua. Ao som do apito da Professora/Guardiã, encerravam-se as músicas, e apenas o Porta-Pássaro permanecia com sua coreografia, que imitava um pássaro batendo as asas e gesticulando calmamente pelo centro do cordão, batendo as asas, imitando os movimentos das aves, mas em sintonia com o ritmo da música que se ouvia no momento da apresentação, com seu figurino com asas em tecido brilhoso dava a representatividade perfeita do pássaro homenageado, fato pelo qual Moura (1997, p. 324) aponta a “possibilidade de ser uma tênue reminiscência das danças miméticas de bichos registradas na Amazônia, no século XIX”.

A personagem Porta-pássaro era feita pela aluna Alice, a mais nova do grupo com apenas seis anos. Ela representava o papel central de um cordão de pássaro, que sempre é desenvolvido por uma criança. Durante a pesquisa, percebeu-se que todos demonstravam, pela aluna, muito carinho e davam-lhe muita orientação, facilitando o desenvolvimento de seu personagem e o aprendizado das coreografias, com facilidade e alegria. “É muito legal ser o pássaro! Todo mundo fica olhando, tira foto e me acha bonita também” (Alice, maio de 2019).

Na composição da segunda cena, a “Contemplação do Guará”, participavam 12 personagens: o Guará e os 11 turistas, com uma formação coreográfica no centro do cordão, caminhando calmamente, seguindo e fotografando o Guará, contemplando a beleza da ave. Em seguida, a Turista, meu personagem, fazia uma fala de forma declamatória e com o um gestual estereotipado com braços levantados, para demonstrar admiração e espanto.

É importante evidenciar que, nesse tipo de teatro, as falas seguem sempre neste estilo: para exprimir amor e dor, mãos na testa; para exprimir desespero ou repulsa, mão no coração. Trata-se de uma forma exagerada, mas necessária para causar impacto no povo, que assiste a tudo e admira, pelo bom desempenho no papel, como destacou o ex-aluno. “A gente tem que fazer bem o papel do nosso personagem. O povo gosta quando a gente desenvolve bem o papel, ficam comentando e elogiando depois” (Adriel, maio de 2019).

Dando sequência à cena, todos cantavam a música “Turista Amigo”. Posteriormente, no encerramento desse ato, a ave continuava em seu

habitat natural, onde foi admirada e fotografada pelos turistas, impressionados pela sua beleza singular, permanecendo no centro do cordão, enquanto os turistas voltavam a seus lugares de origem, na roda do cordão. Vale esclarecer que “roda” aqui é um termo utilizado pelos fazedores de pássaros como o nome dado ao formato cênico de meia lua na apresentação do cordão. Também denomina os personagens figurantes que não têm cena própria e que permanecem na roda durante toda a apresentação, deixando-a, dessa forma, maior e mais bonita, já que vestem camisetas com a logomarca do grupo.

Na composição da cena 03, o “Negócio Errado”, participavam 05 personagens: o Guará, os 02 traficantes e os 02 caçadores, com uma formação coreográfica de movimentos circulares em torno do personagem Guará. Por sua vez, os Traficantes conversavam e depois saíam à busca dos caçadores na floresta Amazônica. Ao encontrá-los, todos cantavam a música “Caçadores”, que explicava a cena. No encerramento dessa parte, os Traficantes voltavam a seus lugares de origem na roda e permaneciam, no centro do cordão, os 02 Caçadores e o Guará.

O termo brincante usado pela professora/Guardiã é um termo comum, utilizado pelos fazedores de pássaros¹⁰. Eles chamam seus atores de *brincantes*, por considerarem os cordões de pássaro uma brincadeira. Como bem descreve Charone (2015, p. 35-36), “aprende-se a brincar de pássaro praticando, no dia a dia, participando de uma montagem do espetáculo, ou melhor dizendo, da brincadeira, como é chamada pelos fazedores”. É na observação de um brincante mais antigo, é na maneira como o ensaiador exige que se faça, aí vai-se esboçando um aprendizado.

Importante ressaltar a forma de preparação dos personagens desenvolvida no cordão, feita através da imitação. Sobre isso, segundo Moura (1997, p. 297), “como não se trata de um estilo de interpretação realista, e muito menos psicologizante, a construção do papel se dá inicialmente na base da imitação”. O ensaiador lê as falas com as inflexões que o papel e a situação dramática requerem, e o personagem deve esforçar-se por reproduzir essas inflexões.

Dessa forma, cantávamos, dançávamos e fazíamos gestos, e os alunos/brincantes que

ainda não estavam prontos seguiam imitando e experimentando com uma observação sempre atenta. Assim, os alunos iam imitando as falas, seguindo os comandos. Destacou-se, nessa atividade, a importância dos brincantes mais antigos, pois, com a experiência que já tinham na apresentação no cordão, serviam de modelo cênico a ser seguido, sendo observados pelos mais novos, dando algumas orientações, como dançar de acordo com cada personagem, pois, particularmente, todos têm uma coreografia e uma música específica.

A mestra também ensinava o modo de falar do personagem, como deveria ser a entonação de cada fala característica do personagem. Em certa situação, eu estava na roda, dançando igual às Índias e, por essa razão, uma aluna saiu do seu lugar, veio à minha direção e, no meu ouvido, falou: “Professora, a senhora não tem que dançar igual às Índias! A senhora só dança pra cá e pra lá!” (Ellem, maio de 2019).

Percebe-se aqui uma ajuda, a ajuda-mútua, e Maffesoli (1994, p. 37) faz uma curiosa observação sobre isso:

Esta observação permite dar sentido pleno ao termo “ajuda-mútua”. Ele não remete, apenas, às ações mecânicas, que são as relações de boa vizinhança. Na verdade, a ajuda-mútua, tal como aqui a entendemos, se inscreve numa perspectiva orgânica em que todos os elementos, por sua sinergia, fortificam o conjunto da vida (MAFFESOLI, 1994,37).

O que claramente se evidencia com a fala da aluna é o sentimento coletivo da ajuda desenvolvido pelos brincantes mais antigos, com relação aos brincantes mais jovens no cordão e vem também nos comprovar as afirmações de Charone (2015) com relação aos grupos de pássaros juninos, como escolas de formação de brincante onde,

O conhecimento, o domínio prático desta arte, se dá através da experiência, da competência única. Por isso é que os dirigentes do Pássaro Caboclo Lino Pardo, assim como os que já passaram por esse grupo, consideram-no como uma Escola de brincantes (CHARONE, 2015, p. 39).

De fato, só vivendo essa experiência, brincando/participando do cordão, é que comprovará que é uma manifestação da arte do povo amazônico e que é repassado de forma oral pelos seus fazedores, de geração a geração.

Na composição da cena 04 - a “Captura do Guará” - participavam 15 personagens: o Guará, os 02 Caçadores, os 02 Policiais do Meio Ambiente, a Mãe do Igarapé, os 08 Índios e o Coronel. Na formação coreográfica, ocorria uma perseguição de caçada e abatida do Guará pelos caçadores, que, após suas conversas, encontram-se *mundiados* pela Mãe do Igarapé, um ser mítico amazônico marajoara, que vive nas matas e igarapés a proteger a fauna e flora da cobiça humana. Nessa cena, essa personagem entra cantando a música “Sou Curupira”, que explica a ação. Além disso, fazia, com seu arco e flecha, uma coreografia indígena de caçada, causando grande impacto visual por seu vestuário exuberante, cheio de adereços com muitas penas penduradas e muito brilho.

Após a apresentação da Mãe do Igarapé, entrava a tribo dos Tupinambás, Índios guerreiros e valentes, que desenvolviam uma coreografia de caçada indígena, com dança exuberante, ao som da música “Índios Guerreiros”, os quais encurralavam os dois Caçadores: de um lado, os índios e a Mãe do Igarapé; do outro, os Policiais do Meio Ambiente que os prendiam. Em seguida, todos caminham até a fazenda, na presença do Coronel proprietário de uma fazenda marajoara, onde os Guarás viviam em liberdade, em seu habitat natural. Posteriormente, encerrava-se a cena, e saíam, para seus lugares de origem na roda, a Mãe do Igarapé, os Índios, os Policiais do Meio Ambiente e os Caçadores, permanecendo, no centro do cordão, apenas o Guará e o Coronel.

Os Policiais do Meio Ambiente eram os personagens mais disputados entre os meninos menores. Quanto a isso, percebia-se a importância lúdica da brincadeira, demonstrada na empolgação e no prazer em desenvolver os personagens, através dos quais, eles mais parecem estar brincando de ser um super-herói. Segundo os alunos: “Os policiais são fortes, são autoridades e podem mandar nas pessoas - e é muito divertido ser um policial” (Daniel - 08 anos e Patrick - 09 anos - maio de 2019).

Na composição da cena 05 - “A Cura do Corpo” - participavam 04 personagens: o Guará, o Coronel, a Doutora Margarida e o Amo. Iniciava-se a cena com o personagem Coronel, um homem bom, apaixonado pelos Guarás e que os tem como animais de estimação, chamando o Amo,

e todos cantavam a música “Meu Amo”. Ou seja, o coronel, quando via o Guará ferido, mandava o seu Amo chamar a Doutora para salvá-lo. Após isso, saía o Amo em uma formação coreográfica circular, dando várias voltas, procurando a casa da doutora, enquanto, no centro do cordão, onde o personagem Guará encontrava-se caído, de forma a circular, a doutora Margarida dançava e cantava a música “Doutora Querida”. A Doutora Margarida curava, então, o Guará, mas ele ainda ficava com uma grande depressão por não poder voar. No encerramento da cena, a Doutora saía de volta para seu lugar de origem na roda, e permaneciam, no centro do cordão, só os personagens Coronel, Guará e Amo.

A Doutora Margarida era personagem que realizava o atendimento no pássaro ferido, e a aluna/brincante saía orgulhosa, de jaleco branco, com uma seringa na mão para demonstrar seus conhecimentos médicos. “Eu me sinto muito feliz e importante em fazer a Dr.^a Margarida” (Ellem, maio de 2019). Segundo Refkalesfsky (2001, p. 147-148), isso revela uma das funções do figurino no teatro a de “máscara onírica, que concretiza os anseios, os sonhos e os devaneios do ator que não vive só o personagem, mas seu status social, ao desfrutar de um grande prazer que a roupa lhe proporciona”.

Já o Amo era o personagem que realizava os mandos do Coronel, homem simples e com roupas de trabalho no campo; como se fosse um faz tudo, levava recados, cuidava da fazenda e tinha um grande respeito e temor ao Coronel. Por sua vez, o Coronel, personagem desenvolvido pela professora Célia, repassava, através de seu personagem, o domínio e a força dos grandes fazendeiros em nosso município. Estava sempre vestida com camisa marajoara, também chamada antes de “Camisa do Vaqueiro Marajoara”, em tecido de cetim brilhoso, de grande impacto visual.

Na composição da cena 06 - a “Cura da alma” - participavam 05 personagens: o Guará, o Coronel, o Amo, o Pai Chicão e o seu Ajudante de Pajé. No desenvolvimento da cena da pajelança, o Coronel mandava seu Amo chamar o pajé Pai Chicão e seu Ajudante, acreditando em seus poderes míticos para fazer a cura de seu pássaro de estimação. Pai Chicão, em sua entrada, causava grande impacto coreográfico, com largos gestos, girando

e sempre apoiado por seu ajudante de Pajé, que o conduzia no momento de cura do pássaro, com dança circular ao redor do Guará. Com vestes brancas, e na mão uma maraca -, instrumento musical feito de um fruto de casca dura, de origem indígena, usado no ritual de pajelança para acordar e chamar os encantados cuja presença se deseja durante o ritual -, dava a entonação perfeita na apresentação de cura Pai Chicão e ia tirando muitos risos do público. Além disso, o Pajé curava, com perfeição, o Guará de estimação e saía cantando a música “Sou Pajé”, com grande empolgação, definida por todos do cordão como a mais animada e engraçada.

O personagem Pai Chicão foi disputado por três alunos, e, por decisão de todos, ficou com o aluno Adriel, por fazer com mais empolgação e perfeição a cena que segundo ele “tem que se concentrar e fazer sem rir para parecer verdade” - (Fala do aluno Adriel, maio de 2019). Adriel era ex-aluno e pertencia ao mesmo bairro da escola. Assim como ele, por serem muito próximos e por já terem participado de outros pássaros ou bois-bumbás da Professora/Guardiã, os brincantes mais antigos já se sentiam à vontade para voltarem a participar do grupo do Cordão do Guará, por ser um movimento constante entre eles e por haver uma identificação mais direta de cada um, o que é chamado por Maffesoli de experiência ética e que se origina em um grupo determinado, a qual é, fundamentalmente, empática, proxêmica.

Na composição da cena 07 - a “Despedida do Cordão” - participavam todos os 34 personagens, dançando e cantando a música “Adeus, meu Lindo Povo” com uma formação coreográfica que os dividia em duas filas que se entrelaçavam de forma circular em lados opostos, fazendo a saída do cordão. O Guará, já ressuscitado, voava, majestoso e brilhante, no centro do cordão e saía entre as duas filas, para a alegria de todos no terreiro de São João, dando adeus ao seu lindo povo.

A riqueza das interações elementares vivenciadas no desenvolvimento dessas cenas, nas muitas trocas linguísticas envolvidas, e esse “uso” da linguagem, como defende Watson (2015, p. 58), “é como algo que envolve um conjunto de práticas sociais localmente situadas, que as pessoas conduzem em colaboração umas com as outras”. E, como é sabido, a linguagem é uma ação prática

que está necessariamente envolvida com outras ações práticas, como transações econômicas, atividades domésticas e entre outras vivenciadas no dia a dia.

APRESENTANDO A BRINCADEIRA PARA A COMUNIDADE

A emoção também tomava conta do meu coração, pois era como se eu voltasse ao passado, para brincar uma brincadeira que eu queria quando criança! Era interessante ver todos empolgados, com as roupas de seus personagens, ansiosos mostrando um para o outro. Frente a isso, convém ressaltar que essa indumentária não veste apenas o personagem, pois, como afirma Loureiro, prefaciando Refkalefsky (2001, p. 15), “ela é a vestimenta do imaginário objetivado em cena”. Particularmente, representava elementos do imaginário popular amazônico marajoara, como Mãe do Igarapé, Curupiras e Encantados, entre outros seres fantásticos que habitam esse universo.

A encenação compreende introdução, desenvolvimento e final apoteótico, reunindo texto, composições musicais, ethos próprio e ação. De um modo geral, principalmente na modalidade do cordão de meia-lua e não no melodrama fantasia, todos os componentes do espetáculo permanecem reunidos na encenação, destacando-se do grupo apenas os personagens que agem das cenas sucessivas (LOUREIRO, 2015, p. 25).

Desenvolver o processo de montagem de um de cordão de pássaro com alunos do Ensino Fundamental requer uma habilidade de liderança muito grande, já que se realizam ensaios em um curto período de tempo, com um total de mais ou menos dez vezes, pois, através da imitação, o aluno vai moldando o seu personagem como é sugerido pela Professora/Guardiã, que não utiliza “recursos comuns” usados nas aulas de teatro, como jogos teatrais, exercícios dirigidos, aquecimentos ou estudos em conjunto para facilitar a aprendizagem da cena.

Nesse contexto, é como se cada etapa fosse uma peça de um quebra-cabeça no qual, no momento certo, tudo se encaixa e sai como planejado. Após poucos ensaios, iniciou a apresentação do Cordão do Guará do Marajó, com o terreiro junino lotado, onde todos aguardavam, ansiosos, a atração principal da festa junina da escola, que, por entre a multidão, foi passando pelo portão do cercado, dançando, cantando, em duas filas que

circulavam com uma coreografia empolgante, fazendo a encenação para a comunidade do município marajoara, trazendo ao público, assim, a primeira cena do cordão. Na sequência, todos, em semicírculo, continuavam a cantar as músicas do cordão e permanecia, no centro do cordão, fazendo sua bela apresentação, o pássaro Guará, majestoso e brilhante.

Aberto à contemplação dos espectadores, em uma configuração espacial que permite ao ator assistir ao seu próprio espetáculo de um lugar privilegiado, organizou-se o espaço cênico no semicírculo. Isso nos permitiu “brincar”, sentir prazer, enquanto assistíamos ao papel desempenhado pelos outros brincantes no centro do cordão. Tal fato comprova o que menciona Breck, citado por Refkalefsky (2001, p. 79), para quem esse comportamento mostra uma das mais nobres funções do teatro que, é a de “divertir e gerar prazer”.

A apresentação desse espetáculo teatral que nasceu da manifestação da arte do povo paraense, veio, mais uma vez, fortalecer o reencontro do povo marajoara com a sua cultura, a cultura popular amazônica, de onde se tira parte substancial de sua inspiração. Considerando-se a relevância desse fato, destaca-se que participar da criação da brincadeira de um Cordão de Pássaro nos satisfaz profissionalmente, enquanto professora de Arte, e nos deu imensa alegria, não só como brincante, mas também como nova “guardiã” dessa cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os registros mostram que os objetivos foram todos alcançados com bastante êxito e que os alunos participaram de cada etapa em diferentes situações de aprendizagem, com momentos de conhecer, de apreciar e fazer arte durante todo o desenvolvimento do Projeto de criação do Cordão de Pássaro Guará do Marajó.

O produto que materializa a pesquisa realizada se configura como um documento avaliativo desse processo composto da comédia e de desenhos cênicos ilustrativos do vestuário e da formação coreográfica de cada cena, além de fotos, músicas e conversas que ajudam a atribuir novos valores à prática artística teatral desenvolvida no Ensino Fundamental, onde se observaram os caminhos percorridos, as descobertas, as dificuldades e os êxitos.

Outro fator relevante foi a materialização de momentos invisíveis, como as relações entre alunos, professor e comunidade na produção do espetáculo, evidenciando descobertas e etapas não vistas pelo público, mas decisivas para compreender todo o trabalho e os processos envolvidos. Logo, tudo isso servirá de um instrumento de reflexão que ajudará a compreender os processos envolvidos na criação em artes cênicas, que permitem refletir sobre o processo criativo e as variadas possibilidades que se tem quando se exploram as linguagens desse suporte.

Desenvolver atividades no processo de ensino-aprendizagem e de criação em artes, voltadas ao processo criativo de montagem de um espetáculo de cordão de pássaros, uma das vertentes do teatro popular do estado do Pará, tornou-se possível a partir de uma proposta peculiar de sua Guardiã, a qual gerou a possibilidade de participar de várias experiências que englobam toda uma forma de expressão da história, do imaginário e da cultura amazônica marajoara.

Os caminhos percorridos durante todo esse processo de montagem do Cordão do Guará do Marajó nos proporcionaram uma melhor observação no desenvolvimento do aluno, na criação de seus personagens e na sua atuação em cena, através de um processo construtivo, partindo da prática pessoal e da união de treinamentos que o brincante do Pássaro foi construindo sua formação enquanto “ser” brincante.

Mesmo sendo realizado dentro da escola, não mais na casa da Guardiã, como tradicionalmente acontecia, o brincar no cordão proporcionou o encontro da comunidade, que ainda é movido a partir de um forte sentimento coletivo entre os alunos, pais e professora, com uma grande vontade e o desejo de juntos realizarem um trabalho tradicional e apaixonante, que está se perdendo por falta de incentivo financeiro, como fala a professora Guardiã.

Uma experiência única, como marajoara e professora de artes, foi participar de todo esse processo de montagem de um cordão, em que emoções pessoais e coletivas nos proporcionaram reconhecer a importância e a necessidade de maximizar essa experiência teatral. Dada a relevância disso, tudo se registrou no Inédito

Caderno de Direção Teatral “O Brincar no Cordão de Pássaro”, para que este possa servir de um caminho aos professores de Artes/Teatro na construção de um projeto de montagem do espetáculo desse gênero do teatro popular do Estado do Pará, com crianças e adolescentes do Ensino Fundamental.

E só assim, o nosso ninhal, que se encontra submerso na invernada marajoara possa na terruada¹¹ quente do verão, pode continuar vivo e gerando outros pássaros, para voarem lindos e majestosos, como o Guará nas noites quentes do mês de junho, nesse imenso Marajó ou fora dele.

NOTAS

01. Círio de Nossa Senhora de Nazaré é uma manifestação religiosa cristã em devoção à Nossa Senhora de Nazaré padroeira do povo paraense.

02. Pavilhão de Flora - erguido em 1877, no largo de Nazaré, por ocasião dos festejos do Círio da padroeira dos paraenses.

03. Ciclo da borracha - momento da história econômica e social do Brasil com a extração do látex da seringueira e comercialização da borracha que proporcionou à expansão da colonização, a atração de riqueza, as transformações culturais, sociais e arquitetônicas, nas principais cidades da região amazônica Manaus e Belém.

04. Teatro nazareno - erguido para as apresentações dos festejos do círio de Nossa Senhora de Nazaré.

05. Município de Soure - município brasileiro do estado do Pará, localizado na região dos campos do arquipélago do Marajó.

06. Arquipélago do Marajó - localizado no Brasil nos estados do Amapá e Pará e formado por cerca de 2500 ilhas é o maior arquipélago fluviomarítimo do planeta.

07. Município de Salvaterra - município brasileiro do estado do Pará, localizado na região dos campos do arquipélago do Marajó.

08. Comunidade de Pedral localizada na área rural do município de Soure.

09. Sarará - **SARARÁ:** é uma espécie de crustáceo, um caranguejo uçá pequeno, uma das fontes de alimentação dos guarás, que proporciona a coloração vermelha de suas penas.

10. **Fazedor de pássaro** - termo utilizado, no estado do Pará, para nomear a pessoa que "bota o pássaro", organiza toda a montagem do espetáculo e mantém a posse do cordão.

11. Terruada - tipo de terreno modelado pelas pisoteadas de búfalos sob o solo úmido na época de transição do final dos seis meses de chuvas da invernada marajoara para o início do verão que com o clima já extremamente seco forma a terruada.

REFERÊNCIAS

CHARONE, Olinda. O teatro dos pássaros. In: Cadernos IAP Nº 21. **Pássaros e bichos juninos:** históricos e enredos. Belém: IAP, 2008.

CHARONE, Olinda, **Pássaro de vôo longo:** o processo de encenação do Teatro dos Pássaros em Belém do Pará. Tese de Doutorado, defendida no Programa de Pós Graduação da UFBA em 2004.

COULON, Alain. **Etnometodologia e Educação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica:** uma poética do imaginário - 4ª ed. - Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos:** O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

..... **A Contemplação do Mundo.** Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1995.

..... **O Conhecimento Comum.** Compêndio de Sociologia Compreensiva. Tradução: Aluizio Ramos Trinta. Editora Brasiliense, 1988.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O teatro que o povo cria:** cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará; da dramaturgia ao espetáculo - Belém: Secult, 1997.

OLIVEIRA, Eliane. **Escola de Pássaros:** reflexões sobre o teatro popular do Pará/ organização...

[et al.]. - Belém: Fundação cultural do Estado do Pará, 2015.

Pássaros. Organizadora: Eliane Suelen Silva Belém: Sesc Boulevard, 2017.

REFKALESFSKY, Margaret. **Pássaros... bordando sonhos:** função dramática do figurino no Teatro dos pássaros em Belém do Pará - Belém: Instituto de Artes do Pará, 2001.

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro de época.** Belém: Ed. Universitária UFPA, 1994.

SILVA, Rosa Maria Mota da. **O Cordão de pássaro Corrupião:** uma prática musical bragantina. Tese de Doutorado, Música, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

ROD WATSON, Édison Gastaldo. **Etnometodologia & Análise da conversa** - Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2015.

SOBRE A AUTORA

Márcia Oliveira Costa é professora da Educação Básica, Mestre em Artes PROF.ARTES - UFPA/ UDESC. Bonequeira, Coordenadora do Grupo de Bonecos Novos Nheengaíbas e Produtora Cultural desde 2009 com projetos selecionados pela FUNARTE, Biblioteca Nacional e SECULT-PA. Organizadora do livro Sons e Ritmos Africanos na Amazonia: lundu marajoara ISBN:978-85-64953-04-8. E-mail: mcfigueiredo10@yahoo.com.br